

## SUBLIME AMOR

\* Roberto Rodrigues

Festas de fim de ano e celebração do ano novo são, invariavelmente ocasiões em que todo mundo faz promessas para melhorar a vida e planos embalados em alguma forma de amor: à família, aos amigos ou simplesmente no mais difícil deles, que é o amor ao próximo.

Mas há um profissional que tem um amor diferente e único: é o produtor rural que ama a sua terra, sua atividade, sua luta incessante.

Esta forma de amar, muito próxima à paixão, jamais será compreendida por quem nunca a sentiu. Vale até tema para estudos sociológicos: muitas vezes, quando um funcionário de governo ouve as reivindicações legítimas de algum agricultor, raciocina com a óbvia convicção de que “ele vai plantar de qualquer jeito, de modo que não precisa ser atendido em suas súplicas; ele não sabe fazer outra coisa mesmo”... Mas, ao pensar assim, o burocrata urbanóide sublima um outro pensamento, ainda mais cruel: “como pode este sujeito ficar agarrado à sua atividade rural se ela é tão inglória, sem renda, sem horizonte?”

Assim pensa muita gente, sem entender o profundo amor à terra e à atividade, já decantado ao longo dos séculos por autores, filósofos ou simples estudiosos desta relação que faz o produtor rural acreditar sempre que o “ano que vem vai ser melhor”.

Gregory David Roberts escreveu em seu romance “Shantaram” um pensamento notável a este respeito.

“Levei muito tempo para perceber que os agricultores, em todo lugar, estão sempre cansados, preocupados, orgulhosos e tristes: o solo que preparam e a semente que semeiam é tudo que realmente têm quando se vive e se trabalha a terra. E às vezes, muito freqüentemente, não há nada mais que isso – a silenciosa, a secreta alegria de tirar o fôlego que Deus coloca nas coisas que florescem e crescem – para ajudar a enfrentar o medo da fome e o pavor da maldade”.

Que missão extraordinária esta: só o amor ao coletivo a justifica.

Na seção de Agricultura do Museu de Ciências de Londres, há referências ao pensamento de Nicolai Gogol:

– “O passar dos tempos mostrou que o homem que trabalha na terra é mais puro, mais nobre, mais altaneiro e mais ético. A agricultura deveria ser a base de tudo”.

Em seu ensaio “A necessidade da agricultura”, publicada na Harper’s Magazine deste mês, Wendell Berry ressaltava a importância deste estranho amor. E afirma: “não há dúvida de que existem agricultores que trabalham sem ele, mas sem ele ninguém será um bom fazendeiro ou um bom companheiro da terra. Está chegando o tempo em que teremos que reconhecer o amor de produzir no campo como uma necessidade econômica”. E mais adiante ironiza os baldados esforços de alguns governos para trazerem jovens das cidades para a zona rural, onde não agüentam a tarefa: “para sua surpresa, evidentemente, cultivar a terra envolve trabalho duro, horas longas e sujeira – para não mencionar habilidades que as pessoas da cidade não têm”.

Em trechos de seu Credo do Engenheiro Agrônomo, Victor André de Argollo Ferrão Netto declara:

“Amo os amplos horizontes da paisagem rural,  
A alegria do dia amanhecendo  
E o sol se pondo por detrás da montanha escarpada.  
Amo o fustigar da primeira chuva sobra a gleba seca,  
A dança do riacho entre as pedras escorrendo  
E o cheiro da terra fértil quando arada

Amo o romper da terra pelas sementes,  
O marulhar das searas balançando  
E o manto branco da florada no cafezal.  
Amo o vicejar das plantas,  
O cheiro do capim se regenerando”

Ou ainda, como disse um ex-ministro da agricultura em seu discurso de renúncia:

“Emociona-me a alvura imaculada dos algodoais em colheita, o rubro-verde dos cafezais em cereja, o galeio mágico que o vento provoca nos canaviais verdejantes ou nos dourados trigais; encanta-me o cheiro adocicado das espigas dos milharais, ou os laranjais carregados, as flores das fruteiras polinizadas pelas abelhas operárias; orgulha-me o progressista ronco das colhedeadas nos sojos e arrozais maduros; admiro os capinzais cultivados – alimentando rebanhos leiteiros e de sadia carne; minha alma se desvanece a cada vez que vejo uma semente germinando no milagre da preservação das espécies.

Amo a agricultura, profunda e reverentemente.

E respeito, admiro e venero os milhões de homens e mulheres que, dia após dia, ano após ano, em comunhão sublime com a natureza e com o Criador, plantam e colhem tudo o que garante a perenidade da existência”.

É este amor, incompreensível quase sempre, que move o agricultor, este homem diferente, e melhor, como assinalou G. D. Roberts.

Que Deus dê a ele um feliz 2010!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**